

ESTADO DE MATO GROSSO



DIÁRIO OFICIAL

SUPLEMENTO MENSAL

administração: governo *Wilmar Peres de Farias*

ANO I — CUIABÁ — SEXTA FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1987. — Nº 8

SUMÁRIO

- O LINGUAJAR CUIABANO, por Antonio de Arruda. Páginas 2, 11, 12, 13, 14 e 15.
- MATO GROSSO: NO TEMPO DO 44, por Marta de Arruda. Página 3.
- A FARTURA DO OURO NAS MINAS DE CUIABÁ, por Pedro Rocha Jucá. Páginas 4 e 5.
- O PROCESSO HISTÓRICO DA RUSGA, por Elizabeth Madureira Siqueira. Páginas 6, 7 e 8.
- OS ÍNDIOS PAIAGUÁS LUTARAM ATÉ O FIM, por Ana Mesquita Martins de Paiva. Páginas 9 e 10.

O LINGUAJAR CUIABANO

Antônio de Arruda

Mais de uma vez já escrevi sobre o linguajar mato-grossense, especialmente o cuiabano. O primeiro desses escritos saiu no álbum "Terra e Gente", publicado por Fernando Leite de Figueiredo, seguindo-se um artigo intitulado "A Propósito de Formidável", no número de novembro de 1952 do excelente mensário "Ganga", que João Antônio Neto, Rubens de Castro e Agenor Ferreira Leão mantiveram, por algum tempo, em Cuiabá. Mais tarde, em 1970, voltei ao assunto na conferência "Cuiabá e a Integração Nacional" publicada na "Revista Militar Brasileira" (vol. XCVI), para reiterá-lo, em 1974, na Coleção Museu Paulista, quando atualizei essa conferência (História, vol. 29 USP).

Em 1978, a Professora Maria Francelina Ibrahim Drummond escreveu um livro importante: "Do Falar Cuiabano." A professora Maria Drummond citou um de meus trabalhos e transcreveu em seu livro um outro do Professor Franklin Cassiano da Silva, "Subsídios Para o Estudo do Dialectologia em Mato Grosso", frisando serem os dois únicos que se conhecem sobre o assunto. Tomando por base depoimentos de pessoas de mais de quarenta anos das localidades Guarita e São Gonçalo, a autora registrou o que lhe pareceu mais característico no linguajar dos habitantes dessas regiões. É um trabalho de especialista na matéria, de méritos inegáveis, inclusive por salvar do esquecimento aspectos culturais preciosos que vão desaparecendo.

Quanto ao meu intuito, foi e ainda é mais modesto. O que pretendi anteriormente e desejo agora renovar, com alguns acréscimos, não passa de breves comentários a respeito de particularidades do falar cuiabano. Particularidades que a princípio eram generalizadas e que depois se restringiram à zona rural ou mesmo, à área urbana, porém ao âmbito de pessoas menos cultas. Nos mencionados trabalhos, lembrei o espanto de Roquete Pinto, em Corumbá, ao indagar de uma velhinha onde morava o inspetor da alfândega e ouvir dela:

- Conheço o inspetor mas não sei onde ele está assistindo.

Observa com razão o autor de Rondônia que a imensa maioria dos brasileiros já não emprega assistir com o sentido de morar. Realmente, para encontrar essa acepção da palavra, teríamos de rever os livros do Padre Vieira de Camilo Castelo Branco ou eventualmente de escritores mais modernos, como Coelho Neto. Lembro-me também de ter lido a palavra com esse significado em escritores mineiros, como Guimarães Rosa e Fernando Sabino. Em Cuiabá, esse emprego de assistir continua de uso corrente. Em Cuiabá e em outras cidades formadas sob sua influência, como Corumbá, onde ocorreu o episódio com Roquete Pinto. Em Verdade, na linguagem atual, entre nós, assistir sugere propriamente a idéia de permanência temporária, referente a pessoa de outros lugares que passam algum tempo em casa de parente ou amigo. Feição peculiar da hospitalidade cuiabana, maior outrora, visível, porém, ainda hoje.

Nesse e em outros casos, trata-se de falares que caíram em desuso em outras regiões do País e que se conservam em Cuiabá e seus arredores, dado o isolamento em que se manteve, por mais de dois séculos, esta região do País. Citarei outros exemplos, alguns já constantes dos trabalhos que publiquei anteriormente:

Abanar: despedir-se. Diz-se: saiu sem abanar (alusão ao cachorro que, quando sai, abana a cauda).

Arroz-de-festa: frequentador assíduo de bailes e outros festejos.

A reio: a fio. Os cuiabanos, pelo menos os mais idosos, ainda usam "trabalhar a reio", como Frei Luís de Sousa.

Banguê: cocho. Também muito (banguê de gente).

Brechô: sapato frouxo ou cambado.

Cachorrada: doce feito com leite coalhado.

Cambada: porção de peixes, em geral de três a cinco, enfeixados com um cipó.

Capear: proteger (o professor está capeando este aluno).

Chatê: baixote. Sinônimo: catupê.

Chinchar: puxar (chinchar o cabelo). Usa-se também chinchão.

Chiriri: pequena porção.

Corixo: brejo formado na beira dos rios.

Crochê: (fazer): ficar a moça sentada, sem par, nos bailes. Sinônimo: chá-de-cadeira.

Curtido: ônico.

Disparate: (interjeição): muito.

Emboquecado: encolhido, encorujado.

Entojado: farto, saciado (Não quero mais nada. Estou entojado.)

Estar de lua: estar mal-humorado.

Experiente: curandeiro que geralmente trata pela hemeopatia.

Fortuna: sorte (Isso depende da fortuna: isto é da sorte).

Francisquito: espécie de bolo.

Funda: estilingue, atradeiraira.

Friagem: onda passageira de frio.

Gangento: cheio de si.

Jacuba: desenhado, sem-graça. Sentido figurado da beberagem insípida feita com água, farinha

CONTINUA NA PÁGINA 11

SUPLEMENTO MENSAL

EXPEDIENTE

GOVERNO:

WILMAR PERES DE FARIAS

SECRETARIO DE ADMINISTRAÇÃO:

NEY ABBADIA DE OLIVEIRA

DIRETOR GERAL DA IOMAT:

ANANIAS VIEIRA DA SILVA

DIAGRAMADORES:

CELMO MOLINA

VALDECIR BACANI

IOMAT - Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso
Rua 13 de Junho n.º 431 Fone: 321-4613

Este Suplemento Mensal é produzido pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, da Universidade Federal de Mato Grosso, em convênio com a Imprensa Oficial do Estado.

Endereço para Correspondências e Contatos:

Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, NDIHR, Universidade Federal de Mato Grosso, Bloco do Centro de Ciências Agrárias, Sala 56. Fone: 361-2211 (Ramal 170).

Mato Grosso: no tempo do 44

MARTA DE ARRUDA.

Como contou GABRIEL PINTO DE ARRUDA

Quando localizei o cacerense Gabriel Pinto de Arruda, 95 anos, no seu apartamento do Leblon, senti uma satisfação muito grande, porque sua mente clara como as águas do Sepotuba guardava lembranças vivas de um tempo em que a justiça de Mato Grosso era o 44. No âmbito da Justiça, o mato-grossense havia vivenciado momentos terríveis em que se expôs à morte para salvar a sua honra de homem que representava a Justiça de Mato Grosso. Pausadamente, como se fosse um filme, narrou alguns trechos da sua longa caminhada pelos Municípios deste Estado, na década de 20.

* Quando voltei a Mato Grosso, o presidente do Estado era o general Caetano de Albuquerque. Fui Promotor durante 7 anos e depois requeri a minha nomeação para o cargo de Juiz de Direito da Comarca de Coxim.

* Na Promotoria, enfrentei júri de grandes criminosos, entre eles um tal Roberto da Silva Maia que, em plena sessão, agrediu o juiz com palavras desonrosas e o ameaçou com o banco em que estava assentado. Amedrontados, o juiz e os jurados começaram a correr. Aí foi dissolvido o Tribunal. O nome desse juiz era Decleciano do Canto Menezes. O bandido era de grande periculosidade: matou suas próprias filhas. Os representantes da Justiça não tinham a menor garantia. Trabalhavam com apenas dois policiais. Como promotor, telegrafei para o Presidente dizendo que não iria ao Tribunal fazer mais nenhuma acusação porque não tinha garantia de vida, nem para mim nem para o Juiz e os jurados. Então, foram contratados oito civis da minha absoluta escolha, os quais foram convenientemente armados para enfrentar uma nova sessão de julgamento daquela fera. No segundo dia eu lhe fiz esta observação: "Você noutro dia desacatou o Tribunal - o juiz, o promotor e os jurados - mas eu quero que hoje você proceda do mesmo modo! Ele ficou quieto. Fiz a acusação. Ele foi condenado a trinta anos de prisão. Foi mandado para a cadeia de Cáceres e, como não oferecesse segurança, mais tarde foi transferido para Cuiabá. De lá ele fugiu. Nessa época, estava como juiz de Coxim, e o chefe de Polícia entrou em contato comigo para me avisar do perigo que eu corria. Todos imaginavam que ele iria querer tirar uma desforra, mas felizmente ele seguiu diretamente para o Araguaia. Soubemos que lá foi assassinado por outro bandido.

* A insegurança era uma constante na nossa vida. Ainda como juiz de Coxim, houve outro caso que quase resultou na minha morte. O advogado Antonio Ryes Coelho requereu uma providência judicial contra um ladrão que estava roubando o gado de um fazendeiro, que há pouco tempo havia falecido. Então baixei um ato mandando nomear uma pessoa de confiança para ser encarregada do destino da fazenda. O ladrão era um professor dos filhos do fazendeiro, o qual se uniu a uns bandidos para roubar a mulher e os filhos do rico. Esse homem mandou-me dizer que "a única lei de Mato Grosso era o 44 e que iria ajustar as contas comigo". No dia seguinte, realmente ele veio à minha casa. Era mais ou menos 11 horas da manhã e eu estava na porta da minha casa quando vi uns cavaleiros descendo uma lomboada rumo à vila. Eram mais ou menos vinte. Cada um tinha uma Winchester na mão. Vieram diretamente e formaram aquela coluna de bandidos em frente da minha porta. O

professor, chefe da malta, veio me perguntar quem era o juiz de Direito. Respondi-lhe: "Sou eu!" Disse-me: "Pois vim acertar as contas com você! Saiba que a única justiça desta terra é o 44. Aqui não se cumpre lei de juiz e sim a da pistola!" Enquanto dizia isso me ameaçava com a Winchester na mão e um revólver na outra. Fiquei tão indignado, exaltado, que comeci a dizer tantas barbaridades, tantos insultos àquele bandido, e também lhe pedi que me atirasse. Rasguei mesmo a camisa e disse: "Pode atirar que mata um juiz indefeso, mas que não tem medo de tanta covardia e de tanto banditismo!" E como ele não me matasse e permanecesse junto de mim, determinei que ele montasse a cavalo e se afastasse dali imediatamente. Realmente, ele montou a cavalo e, logo em seguida, numa praça fez o acampamento. Mataram um boi e fizeram churrasco. Tirotearam o dia todo. Ao entardecer, o chefe dos bandidos voltou à minha casa. Eu havia saído para visitar um amigo. Minha senhora o recebeu, dizendo que eu não estava. Ele perguntou: "Onde ele está?" Respondeu: "O meu marido saiu!" Ele estava armado de um 44, um facão amolado e mais dois revólveres no cinto. Desconfiado, ele perguntou novamente à minha mulher: "Mas, será que ele não está mesmo aí?" E ela: "Se o senhor quiser entrar para verificar, pode entrar". Diante dessa afirmativa, ele se afastou e foi para a companhia do bando. Lá na praça tocavam sanfona, gritavam e promoviam um tiroteio. O povo de Coxim ficou tão apavorado que sumiu da cidade. Ficamos sozinhos, eu e minha mulher, naquela cidade cheia de bandidos. No dia seguinte eles foram embora. E a fazenda foi roubada pelos bandidos.

* Como juiz não podia fazer um trabalho a contento; então fui para Cáceres. Ali fui professor. Tive um colégio durante muito tempo. Mais tarde, Dr. Mário Corrêa legalizou minha situação e pude retornar à Magistratura. Reassumi o cargo e fui nomeado novamente para a Comarca de Coxim. Logo depois fui convidado para ocupar o cargo de Delegado de Polícia, em Cuiabá. Felizmente, a Capital era muito tranqüila. O povo era pacato, muito bom e ordeiro. Podia-se viver ali com portas e janelas abertas. Crime de assassinato, de roubo, de estelionato, não havia naquele tempo.

* Na pacata Cuiabá da época de Mário Corrêa o problema eram os carros sem freios, que desciam desgovernados a rua Cândido Mariano. O pessoal que vendia quinquilharias ao lado da igreja fazia queixas. O carro desgovernado quebrava tudo. Eu então resolvia tudo a contento. Chamava o infrator e perguntava: "O senhor derrubou e quebrou as vazilhas de fulano?" - "E, meu automóvel está sem freio. Eu vinha descendo a ladeira". Obrigava o sujeito a pagar os prejuízos causados. Daí, o Dr. Mário me chamou e disse: "Gabriel, você está fazendo uma justiça sumária!" - "Não, presidente, não é justiça. Estou resolvendo os assuntos sem processo, por que um processo leva meses e acaba arquivado." Conectei com a desburocratização. Não tinha nada de mandar prender, espancar, coisíssima nenhuma. Tudo era resolvido calmamente, sem nenhuma perturbação.

* O NDIHR coloca ao dispor da comunidade seu acervo de entrevistas relativas ao projeto Foto-Memória. Neste artigo focalizamos pequenos trechos de uma longa conversa.

A fartura do ouro nas minas de Cuiabá

Pedro Rocha Jucá

Nenhuma cidade brasileira surgida no período de mineração da época colonial tem mais progresso hoje do que Cuiabá, que neste ano de 1987 deve possuir uma população em torno de 600.000 habitantes. A História de Cuiabá começa com o bandeirante paulista, que aqui se fixou devido à fartura do ouro, abrindo o chamado ciclo das Monções, pelo fato de aproveitar os cursos de água durante as suas enchentes, quando a navegação era mais propícia. Esta fartura do ouro teve início em 1719, mas foi em 1721 que chegou ao seu ponto culminante, conforme narração de Joseph Barboza de Sá, na sua "Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de Seus Princípios Thé os Presentes Tempos":

"No mês de outubro deste ano, fêz Miguel Sutil, natural de Sorocaba, viagem para uma roça que tinha principiado na borda do Cuiabá, lugar que depois foi sítio de Manoel dos Santos Ferreira; chégado, plantou o seu roçado e mandou dois carijó ao mel com seus machados e cabaças. Chegaram ao rancho alta noite, sem mel, pelejando o amo com eles por gastarem o dia sem montaria. Respondeu o mais ladino: vós viestes a buscar ouro ou mel. E perguntando-lhe o amo onde estava o ouro, meteu a mão no seio de um jaleco de baeta que tinha vestido, é cingido com uma cinta, tirou um embrulho de folhas e entregou ao amo que abria-o achou vinte e tres granetes de ouro que pesaram 120 oitavas, dizendo o carijó que a chara muito daquilo.

Naquela noite não dormiu o Sutil e um camarada europeu que consigo tinha, chamado João Francisco, o Barbado, por alcunha, considerando-se milmosos da fortuna, livres das penas da pobreza. Passaram a noite em conversas para ocupar os sentidos que o sono havia desamparado. Apenas raiava a luz do dia quando o Sutil, o camarada e mais comitiva de escravos com os descobridores por guias estavam postos a caminho, seguindo-lhes os passos como por eles, chegaram ao lugar onde se acha esta vila do Cuiabá, que era coberto de mato serrado, com grandiosos arvoredos, e no lugar chamado hoje Tanque do Arnesto e tornado com a Capela de Nossa Senhora do Rosário, que era campestre, mostrou o Índio o seu invento, onde logo foram vendo ouro sobre a terra e apanhando às mãos. Recolhendo-se à tarde aos seus ranchos o Sutil com meia arroba de ouro e o camarada João Francisco com seiscentas e tantas oitavas. Era tudo ouro cravado em seisox.

No dia seguinte, botaram-se para o Arraial do Coxipó e fizeram público o descoberto ao que se seguiu despejarem todos e mudaram-se para este sítio a que chamaram Lavras do Sutil, onde foram formando arraial e desfrutando a lavra, que foi a mancha de ouro mais copiosa que se tem achado em todo o Brasil, isto é, do alto onde está o tanque pela quebrada abaixo até o córrego, que serão quatrocentas braças pouco mais ou menos e coisa de cento e cinquenta braças para cada lado. Avaliou-se tirar-se

deste lugar dentro em um mês melhor de quatrocentas arrobas de ouro sem que os sovarções a profundassem mais de três até quatro palmos".

Em 1723, ainda segundo Joseph Barboza de Sá, "partiu monções para povoado de bastante canoas carregadas de ouro onde foram os primeiros quintos para a Real Fazenda que destas Minas saíram e por condutor deles e de toda a frota o padre André dos Santos Queiróz". A monção chegou a Sorocaba, mas a "fama de Cuiabá" foi mais longe: "até aos fins do orbe, passando dos limites do Brasil a Portugal e daí aos Reinos estrangeiros, tanto que chegaram a exagêros fabulosos, dizendo-se que em Cuiabá serviam os granetes de chumbo nas espingardas para matar veados". O primeiro cronista cuiabano acrescentou:

"Que de ouro eram as pedras em que nos fogões se punham as panelas e que para o apurar não era necessário mais do que arrancar as tochas de capim que nelas vinham pegadas às foletas e isto de arrancar-se capim e virem às vezes granetes de ouro pegados às raízes foi visto por muitas vezes tanto nas lavras chamadas do Sutil como nas da Conceição, que depois foi arraial com capela da Senhora da Conceição, de onde também tiraram imensos haveres".

Neste ponto, surge uma controvérsia a respeito de quem levou os primeiros quintos reais para a Provedoria de São Paulo. O cronista Joseph Barboza de Sá confirma que Pascoal Moreira Cabral mandou os primeiros quintos reais para a Provedoria da cidade de São Paulo a través do padre André dos Santos Queiróz, no montante de quatro arrobas de ouro.

O historiador Pedro Taques, no seu livro "Nobiliarquia Paulistana", afirma que o enviado das Minas de Cuiabá para levar a notícia da descoberta do ouro a São Paulo foi Antonio Antunes Maciel, quando Joseph Barboza de Sá ora fala em Gabriel Antunes Maciel, ora no padre André dos Santos Queiróz. Uma outra divergência surge quando o próprio Pedro Taques, no mesmo livro "Nobiliarquia Paulistana", diz que o capitão-mór Fernando Dias Falcão "foi o condutor dos primeiros quintos, que eram 942 oitavas e meia de ouro, com que chegou a São Paulo em 1723". Neste ano, vale recordar, Joseph Barboza de Sá afirma em sua "Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de Seus Princípios Thé os Presentes Tempos", que "partiu monção para povoado" tendo como condutor dos primeiros quintos reais e de toda a frota o padre André dos Santos Queiróz. Será que as divergências dos irmãos Leme com Pascoal Moreira Cabral tenham influenciado no relato feito pelo primeiro cronista cuiabano? Em 1940, ao exaltar a pessoa de Fernando Dias Falcão, o cônego Luiz Castanho de Almeida, de Sorocaba, também afirma, em artigo intitulado "Bandeirantes no Ocidente", publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ter sido o capitão-mór o condutor dos primeiros quintos reais de Cuiabá.

Talvez existá um erro de entendimento do linguajar e de época, pois Felipe José Nogueira Coelho, nas suas "Memórias Chronológicas da Capitania de Mato Grosso, principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendencia do Ouro", diz que logo no início de 1727, após instalar a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, o capitão general Rodrigo Cêzar de Menezes nomeou o capi-

CONTÍNUA NA PÁGINA SEGUINTE

tão-mór Fernando Dias Falcão para as funções de primeiro provedor da Fazenda Real nas Minas de Cuiabá", que deu princípio ao primeiro livro de registro".

O ouro era farto e isto motivou em 1728 a ocorrência do primeiro caso de corrupção na então Capitania de São Paulo. Joseph Barboza de Sã, assim narra o fato na sua "Relação das Povoações do Cuyabã e Mato Grosso de Seos Principios. Thé o Presentes Tempos":

"Partiram neste ano bastantes gentes para povoado no mês de abril, onde foram melhor de mil pessoas em diversas canoas que iam ficando pelos pontos e barrancos dos rios, uns mortos, outros agonizando. Em um congresso destes enviou o general o padre André dos Santos Queiróz com sete arrobas de ouro dos quintos e mais direitos reais que havia apurado; chegou o condutor a São Paulo e entregou a remessa metida em quatro cunhetes ao Provedor da Real Fazenda Sebastião Fernandes do Rego, de onde foram remetidos ao Rio de Janeiro e daí para Portugal. Chegada a remessa à Corte e abertos os caixões achou-se neles, em lugar de ouro, chumbo em grão de munição. Deu isto tal estrondo em todo o reino que nos estranhos souo ôco.

Enviou logo o Senhor Rei Dom João Quinto a notícia ao Rio de Janeiro em uma nau de guerra. Só a esta diligencia enviada, entrou a nau sem bandeira. Em sinal da notícia que trazia veio um decreto de Sua Magestade ao doutor Roberto Câr Ribeiro, juiz do Fisco na dita cidade, para que passasse a São Paulo a devassar o caso. Passou com efeito; devassou, divulgou-se o caso. Era matéria exposta para as populares conversas que em outra coisa senão falava, dividindo-se em dois pareceres, afirmando uns com razões muito querentes e testemunhos de vista ser o chumbo metido nos caixões pelo mesmo general Rodrigo Cêzar de Menezes nesta vila do Cuiabã quando fez a entrega e havia quem afirmava que viu com seus olhos comprar o chumbo e nomeava o pajem do palácio que o comprou e o marcador que o vendeu. Afirmavam outros, também, com testemunhos de vista e ciência certa em como fôra a troca feita pelo provedor da Fazenda, Sebastião Fernandes do Rego, em São Paulo, que teve os caixões em sua casa cinco dias enquanto os não remeteu para a vila de Santos para daí se embarcarem para o Rio de Janeiro; houve tal que afirmou ter visto os cunhetes abertos debaixo da cama de Sebastião Fernandes; outros que viram remessas por ele feitas nesse ano de tantas arrobas de ouro para o Rio de Janeiro e Portugal, levantando cada um dos séquitos conhecidos aleives com que queriam justificar suas opiniões conforme suas inclinações e paixões".

Como sempre, a vara quebrou do lado mais fraco. Entre o capitão-general Rodrigo Cêzar de Menezes, fidalgo e português rico, e o provedor Sebastião Fernandes do Rêgo, "Com menos obrigações e mais relevantes provas de sua inocencia", levou a pior este último:

"Resultou da devassa que do caso se tirou prender-se Sebastião Fernandes e sequestrar-se-lhe os bens, remetidos para Portugal. Prezo em Livramento, saiu solto e livre, mandando-se-lhe entregar todos os seus bens. E o general Rodrigo Cêzar foi provido para o govêrno de Ango

la com as mesmas honras e aceitação real que de antes lograva pelo que digo que todos os que culpavam a um e outro mentiam, jurando e afirmando falsamente por satisfazer suas paixões. E quem fez a versão do ouro em chumbo não foi mão humana, mas sim a da divina justiça pelas lágrimas dos miseráveis que entregavam às fazendas por não terem com que pagarem os direitos delas e outros a quem tomavam os escravos pela taxação dos quintos e por elas se rematavam em praça com que se perfizeram aquelas sete arrobas de ouro para com elas lisongear o monarca e felicitar-lhe as graças".

No mesmo ano de 1728, o capitão-general Rodrigo Cêzar de Menezes regressou a São Paulo, depois de nomear Luis Rodrigues Vilares como capitão-mór das Minas de Cuiabã. Durante os quase dois anos em que aqui permaneceu, mesmo tendo elevado o arraial à condição de vila o capitão-general Rodrigo Cêzar de Menezes quase que aniquilou com Cuiabã. Segundo Basílio de Magalhães, em "Expansão Geográfica do Brasil Colonial", em 1721 já existiam "mais de 2.000 paulistas" em Cuiabã, onde ocorriam lendas como a da "Alavanca de Ouro", que teria existido no local onde se encontra a Igreja do Rosário. A citada alavanca, talvez simbolizando a ganância, mais se aprofundava quanto mais próxima dela se chegava. No seu "Quadro Chorográfico de Matto Grosso", Estevão de Mendonça afirma que somente em 1728 "mais de mil pessoas abandonaram Cuiabã em busca de Goiás". Acentua o mesmo Estevão de Mendonça:

"Rodrigo Cêzar só regressou a São Paulo em setembro de 1728, e a sua permanencia na vila foi assinalada por uma série de extorsões, processos e actos de requintada violência do que dá justa medida a perseguição movida contra os irmãos Lourenço e João Leme, forçando desse modo os seus habitantes a abandonarem interesses e propriedades, e a se internarem pelos sertões uns, e outros a tomarem caminho para Goiás e São Paulo".

Era o começo de um processo de decadência provocada por um déspota, o capitão-general Rodrigo Cêzar de Menezes, que foi afastado do govêrno da Capitania de São Paulo e transferido para Angola, na África, uma fórmula encontrada pela Corte portuguesa para punir um fidalgo e mantê-lo longe de Lisboa. As Minas de Cuiabã, contudo, jamais foram esgotadas. Hoje é raro, mas até há pouco tempo era comum ver pessoas de todas as idades, não importando o padrão social, procurando faíscas de ouro nas ruas de Cuiabã após qualquer chuva. Antes do asfalto no Bairro Bandeirante, na década de 1970 quase todas as famílias ali residentes mantinham a tradição de "faiscar" nos dias chuvosos. Ainda na mesma década, foi encontrada uma pepita de ouro nas escavações feitas pela Prefeitura Municipal na esquina das ruas Pedro Celestino e Voluntários da Pátria. Até mesmo com topada, se encontrava ouro nas proximidades da atual Estação Rodoviária de Cuiabã, quando um operário, residente em uma chácara que existia antes da desapropriação para o Centro Político e Administrativo de Mato Grosso, foi a pé para o serviço porque estava furado o pneu da sua bicicleta. Ainda hoje Cuiabã possui garimpeiros urbanos tanto no CPA como no Planalto e Novo Horizonte. Já não há ouro com fatura, mas ele aí está testemunhando aos origens de Cuiabã e simbolizando a eterna esperança por um futuro cada vez melhor.

O Processo Histórico da Rusga

Elizabeth Madureira Siqueira

Para entendermos o momento histórico em que ocorreu a Rusga, necessário se faz um entendimento sobre o processo histórico pós-independência. Antes mesmo de sete de setembro de 1822, duas facções políticas se delineavam claramente no cenário político brasileiro: de um lado os Liberais e de outro os Conservadores. Ambos os partidos eram compostos por elementos pertencentes à camada social de elite, principalmente a nível econômico e, ambas desejavam obter a seu lado, o poder político; isto porque é através do poder político que são traçadas as principais linhas de conduta de um país, seja a nível econômico, ideológico, cultural, religioso, etc.

Dessa forma, após a volta da Família Real para Portugal e com a permanência de D. Pedro no Brasil, dele se assediaram políticos pertencentes às duas facções, objetivando influenciar o Imperador no sentido de beneficiá-los com suas decisões políticas. Assim, a 17 de abril de 1822, cinco meses antes da proclamação da independência, D. Pedro convoca a primeira Assembléia Constituinte, a qual seria responsável pela elaboração de uma Constituição. Este ato individual do príncipe representou os anseios da camada dominante (seja de brasileiros, seja de portugueses ou descendentes destes aqui radicados), na medida em que ambos gostariam de ver salvaguardadas as garantias de continuidade de suas atuações no Brasil e, por outro lado, impedir que o nosso país fosse regido por uma Constituinte portuguesa. Ambas as camadas de elite desejavam que a nova Constituição garantisse o regime monárquico e as condições de paz e tranquilidade públicas, quesitos fundamentais para a continuidade da situação econômico/financeiras privilegiada de que esses grupos desfrutavam.

Se de um lado encontramos Gonçalves Ledo como representante do grupo Liberal, os Andradas (José Bonifácio e Martim Francisco) lideravam o grupo Conservador. No período que abarca 1822 a 1831, sem dúvida alguma, a influência do grupo liberal sobre a pessoa do Imperador foi qualitativamente muito superior àquela exercida pelo grupo conservador. Vejamos pelo quadro abaixo:

- maio de 1822: D. Pedro é coroado "Defensor perpétuo do Brasil".
- junho de 1822: abertura da Assembléia Constituinte
- setembro de 1822: proclamação da independência
- outubro de 1822: D. Pedro é coroado Imperador Constitucional
- outubro de 1822: Demissão dos Andradas dos cargos de Ministros de Estado.

Não podemos minimizar a influência do grupo conservador o qual era majoritário na composição dos ministérios, contando com as figuras dos irmãos Andradas, grandes articuladores políticos. Na medida em que os conservadores ocupavam altos cargos, seja nas pastas ministeriais, seja em outros cargos deliberativos, tinham eles às mãos o controle social e dele se utilizavam, principalmente para reprimir as manifestações dos liberais. Exemplo disso são as proibições decretadas pelos Andradas: proibição de reunião de mais de cinco pessoas; controle rígido à imprensa, do que decorreram prisões

e até deportação de grupos oposicionistas. Antes da proclamação da Independência, D. Pedro já havia convocado uma Assembléia Constituinte porém, devido às pressões políticas por parte dos conservadores e às agitações sociais, D. Pedro acaba dissolvendo essa Assembléia e convocando uma Comissão, por ele escolhida e nomeada, para a redação da primeira Constituição brasileira, a qual foi jurada pelo Imperador a 25 de março de 1824. De acordo com esta Constituição, a Assembléia Legislativa seria composta de um Senado vitalício e de uma Câmara temporária, cujos deputados deveriam ser eleitos a cada três anos.

A maior pressão oposicionista, exercida sobre o Imperador, foi a que emanou da Câmara dos Deputados, eleitos estes, em sua maioria dentre a facção liberal. Passaram eles a exercer rígida fiscalização sobre o Poder Executivo (ministros), chegando mesmo a processar ministros de Estado pela má aplicação de rendas públicas. Tal foi a força da Câmara, nesse período, que em 1827 chegou ela a aprovar a "Lei das Responsabilidades dos Ministros, Secretários e Conselheiros de Estados". Como se não bastasse a oposição a D. Pedro, exercida pela Câmara dos Deputados, um fato veio a acelerar o efetivo desgaste político do Imperador, qual seja, a demissão dos Andradas dos ministérios, os quais irão engrossar, de forma exemplar, a oposição, utilizando, como instrumento de veiculação de suas idéias, dois jornais: "O Tamoió" e "A Sentinela da Praia Grande", ambos no Rio de Janeiro. No momento da abdicação (1831) o governo central, representado pelos poderes Moderador (D. Pedro) e Executivo (D. Pedro e Ministério) se encontravam bastante desgastados politicamente e, o assassinato de Líbero Badaró, em São Paulo, acrescentando, o processo aberto contra o famoso jornalista Borges da Fonseca e o importante Manifesto aos Mineiros, constituíram-se como fatos aceleradores do processo da abdicação. Assim, a 07/04/1831 D. Pedro abdica em favor de seu filho, o qual não pode assumir o poder por ser de menor idade.

REGÊNCIA: Vazio de poder / Novas rearticulações e novo ideário político.

Poderíamos perguntar: Por que, no momento em que D. Pedro abdica, não se consegue ou não se deseja instaurar uma nova ordem social e política no novo país? No Brasil, desse período, encontramos uma camada dominante (econômica e politicamente), formada pela oligarquia cafeeira, cuja produção se alastrava pelo Vale do Paraíba, Nordeste de São Paulo e Sul de Minas Gerais. Viam eles, nesse momento histórico, a possibilidade de terem seus interesses, mais uma vez, contemplados, a nível político, através da regência. Não desejavam, no entanto, nenhuma mudança a nível infra-estrutural, na medida em que, continuariam a produzir café, em larga escala, visando a exportação: café este plantado, colhido e beneficiado com o suporte da mão-de-obra escrava.

Por outro lado, encontramos uma outra camada dominante, formada de comerciantes urbanos, ligados às atividades de importação e exportação e que viam como ponto básico, nesse momento histórico, a manutenção de

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

uma política que continuasse a garantir os sucessos de seus empreendimentos. Assim como no Rio de Janeiro, em outras províncias as forças políticas se reaglutinavam, a partir de três grandes correntes:

- Sociedade Federal : Liberais

representada pelos ortodoxos: farroupilhas e pelos exaltados: jurubas (estes desejavam grandes reformas políticas e econômicas)

- Sociedade Conservadora da Constituição

Brasileira.

Representada pelos Caramurus ou Restauradores os quais desejavam e lutavam pela volta de D. Pedro I. Não aceitavam qualquer tipo de mudança, exigindo a manutenção absoluta do status quo

A REALIDADE MATOGROSSENSE

Assim como em outras províncias, em Mato Grosso existia uma camada dominante, dividida em duas facções: de um lado a elite tradicional, composta de latifundiários e escravocratas, os quais vão lutar para que seus privilégios e regalias, oriundos do período colonial, continuem a ser preservados, através de uma política mais ampla; de outro lado encontramos uma nova elite, formada de comerciantes, profissionais liberais e até de fazendeiros, os quais, tal qual a elite tradicional, vão lutar para que se faça, a nível nacional, uma política que vá ao encontro de seus interesses. Vale destacar que, a elite tradicional, desde o período colonial, mantinha o controle político de Mato Grosso, ocasião em que, como elementos diretamente responsáveis pela política regional, propunham leis e decretos, assim como incentivavam todos os mecanismos que lhes garantissem a continuidade de seu predomínio político.

Por outro lado, a nova elite, apesar de detentora de farta parcela do poder econômico, não detinha o poder político, tão almejado. Assim, após a abdicação, as lutas entre as duas facções da mesma camada dominante vão se estabelecer de forma mais frontal, uma vez que o momento era propício às redefinições políticas. A Rusgana nada mais representou que o retrato da luta que se travou, entre duas facções de uma mesma camada, economicamente poderosas, em busca do poder político. Muitos autores confundem o significado desse movimento, definindo-o como uma luta entre portugueses e brasileiros, chegando mesmo a colocarem que, foi o sentimento anti-lusitano, o grande motor da luta. Ao nosso ver, o engano se prende ao fato de se confundir a elite tradicional, com os portugueses. Para nós, essa elite foi apenas beneficiária das vantagens que, no período colonial foram das, talvez de forma hereditária, a um único grupo, o qual teria vindo, inicialmente de Portugal. Porém, com o passar do tempo e, apesar de todas as mudanças por que passou o Brasil, essa mesma camada continuou a ser beneficiária de todas as vantagens, seja a nível político, pois mantinham-se no poder, seja a nível econômico, pois constituíam fortes grupos afortunados. A outra facção, a de comerciantes urbanos e profissionais liberais, alguns até proprietários de terras, oriundos de uma mais recente ascensão social, naturalmente, desejavam também controlar o poder político regional. Obviamente, cada uma dessa facção se afinava, politicamente, com os grupos ou sociedade que se projetaram a nível central.

RUSGA: um movimento engajado

A Rusga em Mato Grosso fez parte de um conjunto de manifestações ocorridas em várias partes do Brasil, justamente no momento da Regência, ou seja, em que o Estado Nacional estava definindo suas bases e, quando os partidos políticos existentes nas Províncias, tentavam, através de embates, conseguir ora se manter, ora tomar o poder. Podemos elencar uma série de movimentos que explodiram no Brasil de então:

- 1832	Cabanada	PA
- 1834	Rusga	MT
- 1835	Farroupilha	RS
- 1838	Balaçada	MA
- 1840	Cabanagem	PA

Podemos elucidar a afirmação de que a Rusga não foi um movimento isolado, com o fato ocorrido por volta de 1832 (dois anos antes de estourar o movimento), quando deparamos com uma série documental bastante expressiva, a qual diz respeito a possibilidade de uma coligação entre várias Províncias: São Paulo, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Maranhão e Piauí. Esta Coligação tinha como objetivo a constituição de uma forte força oposicionista às tentativas, dos grupos mais radicais, os quais "...se tem conspirado contra o sistema constitucional que o Brasil tem abraçado e empreendido derribar a Assembléia Legislativa e a Regência por ela nomeada, a arrastar a Pátria ao abismo ou por quererem destruir o anexo, que liga suas diferentes porções ou pela retrogradação dos princípios adotados e restauração do ex-Imperador". (Rubens de Mendonça. "História das Revoluções em Mato Grosso". pg. 74). Pelo que acabamos de ver, esta Coligação se caracterizava como de postura moderna visto, ser o propósito da mesma, o de negar toda e qualquer ação radical, seja por parte da facção dita "anarquista", ou seja, aquela que desejava transformações de base, seja por parte dos conservadores ou também conhecidos como restauradores, representada pelo grupo que desejava recolocar D. Pedro I de volta no poder.

O ano de 1833 é bastante significativo para Mato Grosso pois, a 24 de agosto é fundada a "Sociedade dos Zelosos da Independência", a qual viria a concretizar e aglutinar forças políticas em torno do ideário proposto pela Coligação. Esta Sociedade matogrossense, se comparada às três Sociedades existentes a nível nacional (Rio de Janeiro), mais se aproxima da "Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional", a qual se colocava com uma posição política moderada, uma vez que não concordando, com os mais radicais e tampouco com os moderadores, não tinha clara, no entretanto, a questão das reformas e nem os meios de alcançá-las. Os principais membros que compunham a Sociedade dos Zelosos da Independência em Mato Grosso eram:

Pascoal Domingues de Miranda, Juiz de Fora e, mais tarde, Juiz de Direito.

Antonio Luís Patrício da Silva Manso, Cirurgião-mor, naturalista e, mais tarde, Secretário do Conselho de Governo;

Tenente-coronel Caetano da Silva Albuquerque, Comerciante; vereador em Cuiabá, Juiz de Paz e Comandante da 4ª CIA da Guarda Nacional.

Capitão José Jacinto de Carvalho, Secretário Geral, Membro da Junta de Fazenda, comandante da 2ª CIA da Guarda Nacional.

CONTINUA NA PÁGINA SEQUINTE

Caetano Xavier da Silva Pereira, comerciante, vereador e sargento-mor da Guarda Nacional;

Felipe Manoel de Araújo, Comerciante e membro do Conselho de Governo;

Brás Pereira Mendes, Professor de lógica, comerciante, magistrado e Presidente da Câmara Municipal de Cuiabá;

Bento Franco Camargo, Vereador;

Eusébio Luís de Brito, Professor de primeiras letras e ajudante da Guarda Nacional;

Sebastião Rodrigues da Costa, Comerciante e Tenente da Guarda Nacional;

José Alves Ribeiro, Fazendeiro;

João Poupino Caldas, Tenente da 6ª CIA do Regimento de Cuiabá, capitão da CIA de granadeiros da Legião de Milícias de Cuiabá, mais tarde, Tenente-coronel da mesma citada CIA e membro da Junta governativa (1822) comerciante.

Fazendo uma análise dos principais membros que compunham a Sociedade dos Zelosos da Independência, podemos detectar que a presença de elementos pertencentes à Guarda Nacional é bastante expressiva. Isso se justifica, uma vez que a citada Guarda foi criada no período regencial, sob a inspiração de Diogo Antonio Feijó, nesse momento Ministro da Justiça, o qual objetivava criar uma força militar, paralela à do Exército e que a mesma fosse composta de cidadãos civis. Nesse momento (1831) o Exército foi esvaziado propositadamente pois, estavam seus elementos, manifestando contra a situação política regencial. Percebemos que a Guarda Nacional não representava uma força oposicionista radical, mas pelo contrário, foi a mesma instituída para manter o status quo e garantir a permanência da regência no poder. Sua atuação, em Mato Grosso, reflete esta situação, uma vez que vai lutar e congregar ideais de derrubada do poder colonial e estabelecimento de uma nova ordem, reflexa do panorama nacional (RJ). Analisando ainda a Sociedade dos Zelosos da Independência percebemos que profissionais liberais, comerciantes e pessoas ligadas à vida pública local faziam parte da nova elite, a qual desejava conquistar o poder político. Considerando o quadro econômico regional, percebemos que, sendo a agricultura e a pecuária ainda atividades básicas, nada mais natural do que vemos dentre os membros da Sociedade dos Zelosos, pessoas que adquiriram também propriedades rurais, reproduzindo, desta forma, o que acontecia com a tradicional e histórica elite local.

O cerne da questão, que deu origem à Rugega, está na disputa pelo controle político local, entre duas facções: uma que já detinha o poder, representada por uma tradicional elite e, de outro lado, uma emergente elite, a qual ansiava por obter o controle do poder político regional e que via, nesse momento histórico, da Regência, possibilidades de verem seus interesses realizados. Ambas as elites somente poderiam se manter ou assumir o poder, caso contassem com o apoio e a ação efetiva da massa populacional. Assim, a Sociedade dos Zelosos da Independência iniciou um trabalho junto à população insatisfeita, representada nesse momento pelo baixo oficialato, pertencente à Guarda Nacional, às Milícias Municipais ou do Exército, pelos trabalhadores de baixa renda, pelos pequenos comerciantes, artesãos e pela parcela da população considerada desempregada.

PASSOS DA REBELIÃO

Em 1831, Antonio Corrêa da Costa era nomeado, pela Regência, presidente da província de Mato Grosso, uma vez que havia ocupado vários cargos públicos na região e era representante maior da continuidade da dominação colonial. Antonio Corrêa da Costa sentiu, de imediato, o embate político existente entre as duas facções elitistas: de um lado a tradicional oligarquia representada pelos chamados "adotivos" e, de outro lado, a recente elite urbana, representada pelos intitulados "nativos". Sentindo-se incapaz de solucionar os confrontos, Corrêa da Costa se afasta do cargo, sob alegação de doença (1833) e é substituído por André Gaudie Ley, o qual enfrenta, com dificuldade o acirramento dos confrontos entre "adotivos" (elite tradicional) e "nativos" (elite emergente). Um dos episódios mais significativos desses embates foi por ocasião da exigência dos "nativos" em colocar no comando das tropas um elemento pertencente à sua facção política. André Gaudie Ley cede ao pedido, nomeando João Poupino Caldas para o cargo. Este fato e outros de igual relevância, fizeram com que Antonio Corrêa da Costa ressumisse o cargo de Presidente da Província (1833), porém, no início de 1834 é forçado a deixar o cargo, agora, definitivamente.

Nesse momento (1834) a Sociedade dos Zelosos da Independência já havia realizado frutífero trabalho junto à população, a qual se predispôs a apoiar o movimento, julgando que com a alternância do poder político local, poderia auferir melhorias. Frente à efervescência das lutas políticas e, considerando que, somente através de um movimento nas ruas, conseguiriam tomar o poder, a nova elite, apoiada pela Sociedade dos Zelosos e pela população, organizou a movimentação. Seu início estava marcada para a noite de 30 de maio (1834), ocasião em que se reuniriam no Campo do Ourique (hoje praça Moreira Cabral) e o primeiro passo seria a tomada dos quartéis e depois a sede da presidência. Todo este esquema visava colocar na Presidência da Província, um "nativo", elemento pertencente à nova elite emergente. No entretanto, no momento em que Antonio Corrêa da Costa se afasta pela segunda vez, o Conselho de Governo resolve colocar na presidência João Poupino Caldas, membro da Sociedade dos Zelosos da Independência e um dos líderes da facção "nativa". Este fato, no entretanto, não foi suficiente para anular os planos do movimento, o qual, acabou tendo seu desencadeamento tal qual havia sido planejado. Cinco dias depois da posse de Poupino, estouraria o movimento quando, após tomarem os quartéis, os revoltosos marcharam para o centro da cidade, ocasião em que saquearam estabelecimentos comerciais, pertencentes à elite tradicional, assim como rumaram às suas propriedades rurais, as quais foram saqueadas e roubadas. Além das perdas materiais, assistimos a muitas mortes de "adotivos" e familiares, cometidas em nome da insurreição.

Os rusgientos bradavam: "Viva a Constituição e a Nação brasileira, Viva D. Pedro II e morram os bicudos pés de chumbo". Por estas palavras de ordem podem detectar o tom pouco revolucionário que caracterizavam as propostas e a similaridade de propósitos da Sociedade dos Zelosos de Mato Grosso, com as da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional, a qual atuava a nível de Rio de Janeiro. João Poupino Caldas ao tomar conhecimento da intensidade da rebelião, reúne o Conselho de Governo e resolve, ele próprio sair

Os índios Paiaguás lutaram até o fim

ANA MESQUITA MARTINS DE PAIVA

Enfrentando os bandeirantes paulistas com todos os recursos disponíveis, principalmente nas águas, onde eram imbatíveis, os índios Paiaguás mereceram uma maior atenção por parte dos perquisadores da História de Mato Grosso. Vale recordar que até mesmo a sede do governo de Mato Grosso recebeu o nome de Palácio Paiaguás, numa homenagem a esse grupo indígena que opôs toda a sua resistência aos bandeirantes. Quase comprometeram os rumos da ocupação territorial de Mato Grosso, pois as perdas que eles proporcionaram aos primeiros bandeirantes foram enormes e repercutiram nas Côrtes portuguesas. O extermínio dos Paiaguás surge nos documentos históricos como expressão de uma época e de sua realidade. No Arquivo da Torre do Tombo, o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, da UFMT, conseguiu microfilmear um registro que está no seu Projeto de Documentos Ibéricos, numa versão modernizada do texto, em que a ortografia e a acentuação são atualizadas. A leitura técnica teve o cuidado de não modificar o sentido da redação original, manter a pontuação, e as letras e palavras ilegíveis foram mantidas em colchete.

Este é o texto vertido para o português atual:

Relação da sanguinolenta guerra que por ordem, direção, e Regim^{to}. do Exmo Sr. Conde de Sarzedas, Governador e Capitão general da Capitania de São Paulo e Minas anexas foi fazer Manoel Roiz de Carvalho tenente general do governo da Capitania ao bárbaro, indomito, e intrepido gentio chamado Payaguá.

Depois que com a suma aplicação do Exmo Sr. Conde de Sarzedas se fez pronta toda a armada, assim de petrechos de guerra, munições e tudo o mais necessário deu princípio a sua viagem o dito Comandante repartindo de caminho as ordens convenientes a Gabriel Antunes, e ao Borralho, cabos subalternos para com prudência e brío Lusitano por último termo à guerra sobre dita para o que fizeram sua viagem aos 5 de Setembro de 1733 anos.

Tendo já continuado a Frota junta alguns dias de viagem em boa conserva se adiantou Gabriel Antunes, Segundo cabo da frota, a pedir licença ao comandante mor para se apartar dele com sua tropa talvez por ser paulista de nação, e por isso recusar ir sujeito ao dito comandante de nação Lusitana: com efeito alcançou a dita licença com o pressuposto que fizesse sua obrigação, e espera em o Rio Grande, e que dali não passasse pois, que nessa paragem se haviam de ajuntar para dali saírem em boa conserva porém pouco obediente a ordem concedida se adiantou o dito Gabriel Antunes, tanto que não só passou o Rio Grande mas Chegou ao lugar que chamam Camapuã costume próprio de todos os paulistas a que o coração não permite fazer comparação com os leais Portugueses.

Chegado que foi também ao tal distrito o tenente general e comandante mor revestido mais de prudência do que de justiça se deliberou antes a perdoar do que a castigar ao sobredito Gabriel Antunes, reprimendo-o porém tanto quanto merecia a sua culpa e anteendo os perigos que evidentemente se haviam de experimentar em os assaltos que o gentio costuma a

dar as tropas que cruzam as águas naquelas partes pas sou novas ordens a todos os cabos da frota que nenhum excedesse a elas principalmente desde a paragem chamada Passagem Velha do Rio Tacuari adonde se haviam de ajuntar para () em conserva e com grande cautela seguirem sua derrota aonde com efeito se () exceto o dito Gabriel Antunes, que fazendo barracas mais avante teve atrevimento segundoa vez desobedecer apartando-se maliciosamente da frota e só fez alto no lugar chamado Morrinhos de Cabalheyros seis dias de viagem donde tinha deixado o tenente general comandante de toda a frota.

Passadas algumas horas partiu o tenente general com o grosso da armada até o dito lugar chamado Morrinhos do Cabalheyros adonde se agregou a ele segunda vez o tal Gabriel Antunes que não tinha seguido viagem por lhe faltar uma canoa a que trazia o seu fato e alguns negros; e recebendo segunda vez repreensões mais ásperas do tenente general bem conducentes a sua desobediência deu ocasião a que toda a frota tivesse demora de três dias só a fim de esperar a dita canoa e como em os três dias não chegasse a tal canoa se precisou o tenente general a passar ordem a que acabasse toda a frota e com ela Gabriel Antunes sem embargo de não aparecer a canoa por que caso que aparecesse como trazia bons pilotos e práticos facilmente seguiriam viagem a salvamento como assim sucedeu.

Já neste tempo ia marchando em boa altura a gente que o tenente general tinha mandado de Camapuã por terra na condução do gado que ia para as minas do Cuiabá adonde toda a tropa ia aperceber-se de mantimentos para execução da sobredita guerra.

Passada assim a referida ordem abalou toda a frota exceto Gabriel Antunes que mais obediente à sua teima do que ao seu comandante se resolveu a voltar atrás a procurar a dita canoa em companhia de dois filhos, e como os precipícios andam arreigados a desobediência pouco adiante do lugar donde se tinha apartado foi invadido do gentio e nesse combate perdeu a vida e também seu filho ficando o outro cativo e com ele todos os negros; soberbo o gentio com esta vitória sem demora acometeu vinte canoas que separadas da tropa do dito Gabriel Antunes já morto, andavam desordenadas na montaria e depois de rendidas todas teve o tal gentio audácia para ir invadir o grosso da frota do tenente general servindo-lhe de prático e lingua o prisioneiro filho do mesmo Gabriel Antunes.

Chegado que foi o gentio a vista do alojamento da frota embevecido com sua indômita fereza teve atrevimento para picar a retaguarda () sete canoas sem ter respeito () ao fogo que o esperava que com efeito foi rebatido em tal forma que desertando as canoas só tiveram seguro na água ficando em uma delas livre o referido prático que lhe servia de lingua prendendo em todo o conflito o capitão Barralho 3º cabo da frota e assim os tiveram cativas as sete canoas com tudo aquilo que dentro em si tinham.

Acabado o combate partiu toda a tropa unida em boa forma para o Cuiabá adonde chegou a salvamento não obstante havia na marcha o contratempo da desobediência que tiveram alguns paulistas apartando-se sub-repticiamente para chegarem primeiro as minas funda

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

dos na ambição de vender primeiro a sua fazenda.

Estando já todos em Cuiabá com 30 dias de descanso chegou um postilhão do capitão Joseph Car dozo, cabo do destacamento que conduzia gado por terra dando notícia que tinha chegado ao lugar chamado o Pe query a salvamento com toda a tropa com que tinha saído de Camapuã e que daí não poderia passar sem lhe manda rem canoas para a condução do gado e mais traste e com efeito foi logo despachado pois lhe mandaram logo ca noas nas quais embarcou com toda a tropa porém sendo invadido do gentio de improviso não só se perdeu toda a tropa mas também perderam todas as vidas exceto três homens brancos entre tantos negros e uma mulher casada que ali ficou viúva por lhe matarem o marido e esta foi a lamentável jornada que a armada teve toda a viagem.

Mas também romana e que facilmente poderia suceder-lhe o que sucedeu a Anibal por consentir aos soldados o divertimento de vênus de Camapuã baixou o dito graves penas que em termo de poucas horas não ficasse mulher nenhuma na armada, obedeceram ao preceito e suposto se apartaram por entre chuvaeiros de lágrimas foram recebidos nas minas com altos vivas do povo ao comandante. Porém elas já livres como () das saudades.

Desembarçada a armada de tão pesados trastes continuou a marcha de vinte e dois dias de viagem até o dilatado e caudaloso Rio Paraguai em cuja praia mais nove dias de viagem tinha subsistência e alojamento o cruel Paiaguá contra quem a presente guerra, se encaminhava e ainda que a marcha da entrada se fazia pelo Rio Abaixo sem rumor sempre foi o gentio penetrada não só por ser pouco antes conhecida dos fogos e das fumaças mas também por ser de um seu feiticeiro vaticinada; razão por que desertando do alojamento com presteza e sulcando daquele Rio as cristalinas águas fizeram ubicação em um reduto que existia não muito longe da praia gastando na marcha 6 dias de viagem e para ai terem segura subsistência deixaram abaixo ao primeiro alojamento por exploradores espias vinte e tantos escolhidos gentios com 7 canoas volantes das quais uma a mais volante por estar mais avançada foi vista da nossa armada a quem o comandante mandou logo dar caça por uma das da nossa armada ainda que debalde por causa da gente que remava estar muito cansada e por isso a do gentio escapou e a nossa se resolveu a tornar para a armada.

E vendo o comandante que eram já sentidos como destro guerreiro o cauteloso Capitão mor determinou a talhar a destreza do gentio com algum ardil de Marte e que estes senão ausentassem determinou sofisticadamente retroceder ou retirar-se sabendo que nas campanhas muitas vezes lavora mais o ardil do que a arte e apenas anoiteceu passou com a armada da outra parte enchendo o rio a madre fez viagem para o pantanal, por estar com bastante água. Com a fortuna de ouvir os alaridos que o gentio fazia na praia sem que este o avistasse como não podia devisar por ser noite se por terra poderiam escapar-se. Mandou um negro a nado para reconhecer em silêncio sitio e a paragem executou este o manda do voltando logo com a notícia de que o gentio estava entregue ao sono nas canoas descansando. Sem perder ocasião cercaram a passagem e mandaram tocar as caixas de guerra e deram uma carga aonde todos pereceram exceto três que por fortuna escaparam para dar notícia a donde o alojamento estava e de caminho deram também notícia que tanto que viram retroceder o dia antecedente a nossa armada se resolveram a ir dar o segundo dia na ()

assaltada aquela estava no porto do primeiro alojamento que antes tinham eles deixado;

Com estes práticos na armada entendeu o comandante tinha a vitória de todos o mais alcançada ainda que eles recusaram dizer adonde a máquina dos companheiros estava. Ameaçados com a morte disseram que se os deixassem com vida eles meteriam na mão toda a que la traidora canalha declarando que estavam distantes dali 6 dias de viagem. Alegre com esta notícia o comandante, determinou logo pôr em execução: a marcha ainda que contra o parecer dos muitos paulistas que vaticinavam se passassem adiante morreriam todos na jornada aos quais respondeu generosamente o comandante dizendo se morrermos este ano escusamos de morrer para o que vem, e com efeito fizeram logo viagem só com as canoas de guerra deixando ficar a bagagem e as atalaias guarnecidas todas com 300 armas e caminhando três dias e três noites sem descanso chegaram a um sangradouro aonde o gentio estava e ouvindo cantar um galo alguns paulistas se assustaram e penetrando mais dentro com as canoas armadas avistaram um porto adonde cento e cinquenta canoas estavam meias encalhadas a vista das quais fez conselho o tenente general com os cabos para resolver o como haviam de dar contra aqueles cães a batalha. Os paulistas foram de parecer que se assaltasse de noite porém foram rebatidos do tenente general dizendo que os assaltos de noite eram para homens covardes e não para corações generosos de homens militares e assim se havia de seguir o seu voto era investir o inimigo cara a cara e de dia para o que mandou logo na madrugada cercar as canoas do inimigo, postas na forma de meia lua exceto as que mandou atravessar no interior do sangradouro para rebater os que escapassem e fizessem dar a quella parte alguma retirada.

Dispostas todas as embarcações e tudo o mais na forma referida mandou o comandante sendo já dia claro tocar instrumentos militares de cujo estrondo movido o gentilismo vieram subitamente armados com lanças de vinte e cinco palmos de comprido a procurar a praia aonde os nossos os esperavam e as suas canoas estavam e apenas chegaram a boca do canhão logo recebendo chuvaeiros de balas em si das cargas sucessivas que as nossas armas disparavam com tal emprego que todas as balas e perdigotos em seus agigantados corpos se aproveitaram e era tal o alarido que faziam que unido com o estrondo das caixas e rumores das trombetas fuzilar de fogo e ecos das armas que fazia intimidar aos corações impávidos e tendo já pago com a vida a maior parte deles as traições e invasões e insultos cometidos um esquadrão leve de cento cinquenta se pôs em retirada para um pouco de mato que não longe distava. Porém, o comandante que no combate a tudo atendia e nada lhe escapava imediatamente lhe mandou por cerca a donde a ferro e fogo sem que algum ficasse com vida se pôs termo e último fim as crueldades e traições daquela vil canalha sem que dos nossos mais que uma por desgraça sem vida ficasse.

Acabada a batalha na forma referida entraram os soldados a saquear as barracas exceto o comandante por não ser destro em tal arte e aprisionou as poucas mulheres que ficaram vivas e com elas algumas crianças que tudo fez o número de 250 - almas porque toda a mais multidão perderam as vidas a fogo e a espada. Não se achou no combate o cacique que dominava este gen

O LINGUAJAR CUIABANO

Continuação da pág - 2

de mandioca, açúcar ou rapadura. Designação também de personagem que, nas touradas, assessorava o toureador, e que como este se apresentava a cavalo.

Lambido: cínico (Extraído da expressão 'usual nas contendas: "cachorro já lambeu sua cara").

Lufada: cardume de peixes que sobem o rio. O termo é registrado pelo Aurélio como brasileiroismo de Mato Grosso.

Pagar: (o café, o almoço): conversar a visita, por alguns instantes, com os donos da casa, após a hospedagem. Se estiver com pressa, dirá: - "Desculpe, não vou pagar seu café, porque tenho agora um compromisso." Se sair imediatamente, sem se desculpar, atrai comentário desalroso: - "Fez como cachorro magro" (come e sai).

Pau-de-cabeleira: pessoa, em geral mulher, que fica junto a namorados para vigiá-los.

Pau-rodado: Pessoa de fora que passa a residir na cidade. A designação - um tanto ou quanto pejorativa, aplicável apenas a uns poucos indesejáveis - é antiga, de um tempo em que só havia transporte fluvial, sendo Cuiabá o último porto. Assim, os forasteiros jamais compreenderam a expressão, pois teriam de vir rodando contra a corrente. Em verdade, porém, a denominação foi inspirada no espetáculo comum nas enchentes do rio, em que troncos de madeira vão descendo ao léu.

Pê-de-anjo: tênis. Sinônimo: neolim.

Quarta-feira: idiota, parvo.

Rodear-tronco: tergiversar, ser prolixo no falar.

Sueto (ê): folga, descanso (Hoje estou de sueto).

Tibi: cheio (O ônibus estava tibi de gente).

Ucharia: lugar, nas festas, onde se colocam as bebidas.

Vender sorvete: sair de branco, com o tempo frio.

Violento: (advérbio): depressa (vai e volta, violento!).

Como se vê, trata-se de palavras e expressões típicas, de formação regional, ou termos arcaicos que se mantêm vigentes em Cuiabá e adjacências.

Dando prosseguimento às anotações do artigo anterior, lembrarei hoje alguns casos de termos que aparecem freqüentemente na fala cuiabana e que se tornaram raros nas demais regiões do País, embora se usem, às vezes, em outros lugares. Exemplos:

Aloito: luta corporal, como esporte, quase sempre entre garotos. O Aurélio só consigna aloi-te.

Assuntar: observar.

Baita: grande. Usa-se o aumentativo baitarra para indicar beleza excepcional (a baitarra do Baú).

Bandulho: barriga.

Badulaques: coisas de pequeno valor, guardados.

Banguela: desdentado.

Bolicho: pequeno armazém. O Aurélio registra o termo, porém sob a forma boliche.

Bucal: bernal.

Camarada: empregado de fazenda.

Chambalê: camisola.

Coisa-ruim: diabo

Corrução: diarreia rebelde, de espécie maligna, que grassa em Vila Bela.

Empalamado: pálido, terroso.

Encasquetar: ter uma idéia fixa na cabeça.

Enterro: dinheiro ou objetos de valor enterrados.

Espeloteado: desmiolado.

Furrundu: doce de mamão, com açúcar ou rapadura. Aurélio registra furrundu e furrundum, mas como feito com cidra.

Ladino: esperto.

Lavrado: jóia de ouro maciço. Segundo Aurélio, a palavra seria um brasileiroismo de Mato Grosso, mas encontrei-a no admirável livro de poemas "Dos Becos de Goiás e Estórias Mais," da centenária poetisa goiana, Cora Coralina (pág. 60).

Mulher-dama: meretriz. Sinônimo: Moça-dama, rapariga.

Ora... veja! (ficar no): ficar na mão. A respeito desta expressão, lembrei os versos de Manoel José de Campos, o famoso poeta repentista livramentense, mais conhecido por Seu Neco, citados por Dunga Rodrigues, no "Roteiro Musical de Cuiabania Caderno Um", em que o poeta respondia a um contendor cuja mulher era a pelidada de Ana Coruja:

Quem dá beijo em Coruja
Não alcança o que deseja:
Pelo jeito que estou vendo.
Você fica no "ora... veja!".

Perrenque: molíode, fraco. O Aurélio consigna o termo e também os verbos perrenquear e perrenquear. Este foi empregado por Guimarães Rosa: o mineiro perrenqueia (em "Minas: Patriazinha", caderno especial do Jornal do Brasil de 31.10.75). Aurélio dá perrenque como proveniente do espanhol perrenque, mas, em Mato Grosso, segundo ouvi de meu pai, ele originariamente se aplicava aos pertencentes ao Partido Republicano Matogrossense (em virtude da sigla PRMG).

Salvar: cumprimentar.

Sapear: olhar festa, do lado de fora.

Songamonga: lerdo, tolo.

Sucuri: réptil, variante de sucuriú.

Verdolengo: fruta não madura.

Outro fenômeno interessante é a persistência, em Cuiabá, de formas intermediárias, de uso popular, que se tornaram arcaicas com a evolução semântica das palavras. Assim, por exemplo, ainda se ouvem entre nós falares como: alumear (Diz-se alumeio, à semelhança do adágio antigo: o ignorante, como a candeia a si se queima e aos outros alumeia); dereito, despois, dezaesseis, dezassete entonce (então), enxuito, ernão (irmão), escuitar, fermoso, fruito e lúa e luma (lua), saluco (solução), somana (semana), preguntar (também ainda usado em Portugal), prepósito, resposta. Atualmente, essa pronúncia é mais comum na zona rural, embora também se encontre, às vezes, na área urbana, entre pessoas incultas. No caso, a transmissão oral perpetuou

CONTINUA NA PÁGINA SEQUINTE

a fala que se tornou exclusiva de certas camadas do povo que não tiveram acesso ao instrumento uniformizador da escola.

Contudo, hoje, o rádio e a televisão vêm eliminando esse tipo de pronúncia, como aliás, acontece com os outros modismos peculiares à nossa terra. Já se observou mesmo que os meios modernos de comunicação social têm concorrido para a uniformização prosódica dos brasileiros. Os sotaques e outras particularidades regionais tendem a desaparecer. A famosa pronúncia carioca, por exemplo, tão característica, considerada por muito tempo modelar para o brasileiro, já se vai diluindo na babel em que se transformou a fala no Rio de Janeiro. Isso, não há dúvida, resulta da imigração desordenada dos últimos tempos. Imigrantes o Rio sempre os teve, mas não em massa, como vem ocorrendo. Outrora, os forasteiros — quase sempre da classe média — chegavam ao Rio e iam assimilando não só o sotaque carioca, mas também as gírias e as aceções diferentes que algumas palavras ali adquiriram.

Referi-me em crônica anterior, à coincidência do significado de assistir, no sentido de morar, em Cuiabá e Minas Gerais. Explica-se o fato pela identidade de formação histórica e pelo isolamento das duas regiões. Mas, com referência a Minas Gerais, o isolamento logo desapareceu, o que faz supor que as diferenças semânticas com o restante do País também esmaeceram. Não conheço em pormenores o falar mineiro, mas um fato é evidente: o sotaque mineiro, sobretudo o belo-horizontino, é o que mais se aproxima do carioca. Quanto a Goiás, seu isolamento foi longo e perdurou até as primeiras décadas deste século, tendo sido, portanto, pouco menos extenso que o de Mato Grosso. De qualquer modo, as duas culturas se assemelham, inclusive nas peculiaridades linguísticas. No citado livro de poemas de Cora Coralina, verifico que alguns dos termos característicos do falar cuiabano também o são ao de Goiás. Assim, empalamado, que mencionei antes, Cora Coralina o emprega, referindo-se a si própria, em pungente poema freudiano:

Eu era triste, nervosa e feia,
Amarela, de rosto empalamado,
De pernas moles, caindo à toa...
(pág. 173)

Em outro poema — Vintém de Cobre — Cora Coralina usa dois outros termos também encontrados em Cuiabá, pelo menos na Cuiabá de outrora: mandrião e timão. Ouçamo-la:

Eu vestia um antigo mandrião
De uma saia velha de minha bisavó,
Eu vestia um timão feio
De pedaços de resto de baeta.
(pág. 59)

Outros exemplos de identidade entre falares de Goiás e Cuiabá também se encontram no mesmo livro: badulaques (pág. 109), mulher-dama (pág. 105), deapé (pág. 140), etc.

Escapa aos objetivos destas notas que venho respingando no rico filão do falar cuiabano o registro de brasileirismos sintáticos, vulgares em todo o País, como: vi ele; eu lhe vi; vou na cidade; para nim falar, etc. Não pretendo também mencionar falares, hoje em extinção, do tipo: nós cheguemo; eles tão chegano; bamo simbora; co'ele; pranode (por amor de); chacra; carro; chorã e outros que tais. Entretanto, vale a pena aduzir algumas observações sobre corruptelas interessan-

tes que se observam em Cuiabá cuja origem se perde nas brumas do passado. Exemplos:

Duvidá: talvez. Emprega-se em frases como: — "Será que ele vem-hoje?" — "Duvidá". Suponho que esse duvidá seja uma redução da frase: "Se duvidarem..."

Intá! (interjeição): toma! Qual a forma da palavra do termo? Derivaria de "ai está?" ou de "ainda está?"

Murciço: maciço (ouro murciço).

Sistrodia: por "esse outro dia".

Saltaveaco: espécie de banana da terra, enorme. Segundo explicação que se costuma apresentar, a palavra é corruptela de farta velhaco. Quer dizer: a banana é tão grande que o velhaco que a furta pode faltar-se dela.

Vosmecê (de vossa mercê): tratamento intermediário entre o senhor e você (nem tão cerimonioso como o primeiro, nem tão familiar como o segundo). Como se sabe, de vossa mercê veio também o você que, entre nós, às vezes, principalmente na zona rural, se pronuncia voncê ou vancê.

Corruptelas que vigoram em todo o País são sinhô e sinhã (ambos derivados de senhor). Daí vieram seu e nhô, sea e nhã, como formas de tratamento menos cerimoniosas que os termos de que derivam.

Outros derivados semelhantes, como sinhô, sinhoca, nhoca, nnonhõ, loiõ, iaiã, sinhã, funcionam como apelidos em toda parte, mas, em Cuiabá, costumam, às vezes, juntar-se a nomes designativos de família ou de lugar de residência: Nnonhõ de Manduca, Nnonhõ do Baú. Quanto ao nhô, pode deixar de ser forma de tratamento para se transformar em apelido: Nhô Pulquério. Há outra particularidade cuiabana já assinalada pelo Prof. Franklin Cassiano da Silva em seu citado trabalho "Subsídios para o Estudo da Dialectologia em Mato Grosso". É que nhã se emprega indiferentemente com relação a homem ou mulher: Nhã Tonho, Nhã Ju, Nhã Blandina, Nhã Nina (neste caso aglutinando-se ao nome). E os espanhóis? O confrade Lenine C. Póvoas, em seu ensaio "Influência do Rio da Prata em Mato Grosso", enumera alguns termos usados em Cuiabá aos quais atribui proveniência do espanhol platino. Exemplo curioso citado por ele é o da palavra mano (mão na bola) aqui usada no futebol. É que esse jogo, em Mato Grosso, teve inicialmente como técnicos e jogadores, chilenos, paraquaios, argentinos e uruguaios, e daí a origem do mano. Em carta que escrevi ao Lenine, lembrei-lhe dois termos de largo uso, entre nós, também provenientes do espanhol: alambrado (cerca de arame) e a interjeição caramba!

Problema controverso é o da origem da pronúncia do ch e do q. O ch e seu correspondente x pronunciam-se tch: O coxipô encheu (o cotchipô entcheu), enquanto o q e seu correspondente j soam como dj: gelo (djelo), jóia (djóia). Há quem atribua à pronúncia do ch (tch) à influência espanhola, o que não me parece razoável. Houve realmente em Mato Grosso influência do espanhol platino, conforme demonstrou Lenine C. Póvoas, mas não de molde a atuar tão profundamente em nossa prosódia, como seria o caso. Realmente, nossos contatos mais freqüentes com a fala espanhola ocorreu após a abertura da navegação do Rio da Prata, em 1858, até a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1914. São apenas 56 anos, tempo insuficiente para uma

penetração cultural expressiva. Considero mais plausível a opinião do Prof. Franklin Cassiano da Silva, expressa no trabalho citado, segundo o qual, tanto no caso do ch e x, como no do g e j, tais pronúncias foram transplantadas pelos Bandeirantes, que conservaram a maneira antiga do falar português.

Com efeito, observa o Prof. Antenor Nascimentos, em sua Gramática da Língua Espanhola, que o ch espanhol se pronuncia como ch inglês da palavra child, à semelhança do que acontece em pontos de São Paulo, assim como em Três-os-Montes, no Entre-Douro-e-Minho e parte da Beira. De fato, a alguns conterrâneos tem acontecido, quando em viagem pelo interior de Portugal, ouvirem com surpresa essa mesma pronúncia e a do nosso g (dj). Ora, se tais sons se conservaram em lugares de Portugal e de São Paulo (principalmente naqueles de onde vieram os Bandeirantes), o mesmo deve ter ocorrido em Cuiabá, onde além disso a imigração portuguesa foi intensa, nos primeiros tempos de sua formação. Segundo ensina João Ribeiro, em sua História do Brasil, a febre do ouro atraiu para Cuiabá grandes contingentes de população portuguesa, obrigando até o Governo a baixar leis proibitivas da imigração, temendo o esvaziamento da Metrópole. Mas a proibição se tornou inútil, pois a corrente imigratória continuou, clandestinamente. Tudo leva a crer que essa gente, que aqui permaneceu, pelo menos em grande parte, unindo-se aos paulistas, correu para a preservação da pronúncia que lhe era peculiar. Todos esses falares foram desaparecendo com o tempo e se acham quase extintos. Em parte, como frisei no artigo anterior, em virtude do rádio e da televisão, com seu efeito unificador de culturas. Mas, no caso, o processo de mudança começou antes do advento desses meios de comunicação e obedeceu a outras causas. Quais seriam elas? Essa é uma história que não caberia num final de crônica e talvez mereça comentários mais longos.

O livro da Professora Maria Francelina Ibrahim Drummond, citado anteriormente - Do Falar Cuiabano - despertou muito interesse nos meios intelectuais de nossa terra. Prova disso está na peça teatral da jornalista Glória Albuês - Rio Abaixo, Rio Acima - encenada com sucesso em Cuiabá e em outras cidades do País, cujos personagens se exprimem pelas formas peculiares ao linguajar cuiabano, enumeradas nesse livro. Também, nossas crônicas sociais, sobretudo Marta de Arruda, passaram a empregar em suas colunas expressões e termos característicos de nosso falar regional: cuiabano de chapa (tchapa) e cruz; de que será? - e assim por diante. Em verdade, o cuiabanês praticamente desapareceu, achando-se confinado quase exclusivamente em áreas rurais, onde o foi surpreender a Professora Maria Drummond. De generalizado que era, foi-se diluindo até ficar restrito a pequenos redutos, onde permanecerá, sem dúvida, até que seja atingido pelos elementos uniformizadores da linguagem, especialmente o rádio e a televisão. Certamente, os mais velhos ainda resistirão, enquanto os jovens serão atraídos pelos novos valores.

Mas pergunta-se: como teria ocorrido essa mudança? Breve retrospecto histórico mostra o que aconteceu. Conforme já esclareci em outras crônicas, Cuiabá herdou sua original maneira de falar dos paulistas e portugueses que para aqui vieram em busca do ouro e aqui ficaram. Essas formas linguísticas se estratificaram em face do isolamento secular da população. Até 1858, data da abertura da navegação fluvial pelo Rio da Prata, uma viagem até São Paulo ou Rio de Janeiro constituía verdadeira aventura. D. Aquino Corrêa, em

uma de suas pastorais, dedicada ao pai, informa que este, como comerciante, empreendeu, quando moço, algumas viagens até o Rio, sempre acompanhando tropas de burro, através do sertão bravo. Com esse isolamento, era muito escasso o intercâmbio dos cuiabanos com o resto do País. As elites que aqui atuavam quase sempre vinham de fora. De fora provinham os dirigentes: da Metrópole, nos tempos coloniais; da Corte, no Rio, após a independência. Raramente tínhamos um governante local, como o Barão de Melgaço - assim mesmo um "bretão cuiabanizado." Outras províncias é que nos forneciam também o juiz - o Tribunal de Relação, hoje Tribunal de Justiça, só foi criado em 1874 - assim como os poucos médicos, advogados, engenheiros, dentistas, que aqui trabalhavam.

Com o início da navegação fluvial, em 1858, a situação foi-se modificando. Os jovens passaram a frequentar as Escolas Superiores do País, inclusive as do Exército e da Marinha. Deu-se então o choque de culturas e o cuiabanês começou a periclitarse. É de se presumir o que teria acontecido, em contato com os novos ambientes, com os Rondons, os Dutras, os Pedros Celestinos, os Murinhos, os Estêvão Corrêas, os Mários Corrêas, os Josês de Mesquitas, os Amálios Novis, os Palmiros Pimentas, os Albanos de Oliveira, os Alírios de Figueiredo, os Beneditos de Campos, os Joões Vilasboas, os Caio Corrêas, os Leonidas Mendes, os Agostinhos de Figueiredo e tantos outros. O Marechal Rondon relembra, em suas memórias, que na Escola Militar, os colegas o chamavam de bicho peludo (naturalmente com a pronúncia, em tom pejorativo, de bitcho).

Nessas condições, o cuiabano, com seu falar e seus costumes característicos, sentiu-se um estrangeiro em o novo meio. Sentiu-se diferente e o diferente se torna discriminado. As diferenças que geram as discriminações, sob os impulsos implacáveis da maldade humana, provêm geralmente das deficiências físicas, da cor, das crenças, das origens e também da linguagem, como no caso. Daí a necessidade da adaptação: a fala foi-se libertando das peculiaridades herdadas dos antepassados. Ao regressarem, esses jovens traziam novos hábitos e com estes outra linguagem que não a dos demais conterrâneos. Casando-se, criaram novos padrões para seus descendentes. E a fala tipicamente cuiabana foi perdendo terreno. Em termos esquemáticos, pode-se estabelecer a seguinte trajetória em que ocorreu o esmaecimento do falar cuiabano: Cidade, Porto, zona rural.

A diferenciação começou pela Cidade, em virtude da presença ali de maior número de pessoas que tiveram contato prolongado com outras culturas: ali estão quase todas as elites cuiabanas, nos diversos setores de atividades. Nem sempre foi assim, porque durante muito tempo, o Porto abrigou também representantes ilustres dessas elites, como chefes políticos de prestígio, comerciantes, industriais, etc. Mas, com o desaparecimento ou a mudança desses moradores tradicionais do Porto, a fina flor da sociedade passou a residir na Cidade. Pelos motivos apontados, a genuína fala cuiabana foi sendo esquecida ali, concentrando-se no Porto e nas áreas rurais. No fundo dessa diversificação, ficou latente um pequeno conflito Porto-Cidade, à semelhança de um outro, Norte-Sul, que também existiu. Mencionarei dois exemplos do primeiro desses conflitos.

Nasci e me criei no Porto, na outra margem do rio Cuiabá, no meio de gente humilde, inclusive de lavradores que comerciavam com meu pai. Não é de

admirar, pois que meu cuiabanês fosse, como era, dos mais carregados. Ora, a conselho da Professora Marina Brandão, amiga de nossa família, deixei o Colégio Salesiano e fui matriculado no 3º ano primário da então Escola Modelo, no antigo Palácio da Instrução — portanto, no coração da Cidade. Ali, entre os garotos, em sua maioria citadinos, minha fala devia causar estranheza. Lembro-me do dia em que, contando a dois colegas uma pescaria de piraputangas, um deles perguntou-me:

- E pegou muitas?

- Disparate!

Esse disparate foi enunciado com ênfase, para significar a abundância do pescado. Mas notei uma troca de sorrisos entre os dois, e um deles, que era muito meu amigo, me aconselhou depois que não dissesse disparate. "É feio", disse ele. Não há dúvida, o cuiabanês estava condenado: era "feio." Insinuava-se aí o conflito Porto-Cidade, que se revela também em outro episódio. Foi o caso que, em 1938, alguns rapazes do Porto resolvemos fundar ali um clube a que demos o nome de Selete: Antônio Lucas de Barros, Benedito Vaz de Figueiredo, Alberto e Francisco Cláudio da Silva, meu irmão Cleofas (Cofinha) e eu. A sede era na Rua Grande (Av. 15 de Novembro), em uma casa próxima do sobrado de Gabriel Curvo, que mais tarde comprei e onde residi por muitos anos com minha família. Naquele tempo, não havia nenhum clube, na cidade, e só dois anos depois é que foi construído o Feminino, por iniciativa da administração Julio Muller — João Ponce. No Clube Selete, promovemos alguns bailes com muito sucesso, mas ocorreu certa sabotagem contra ele por parte de muitos rapazes da Cidade, que o apelidaram de Vitamina. Era uma alusão à marcha carnavalesca do Braquinha, muito em voga na época, cujo estribilho dizia:

Yes, nós temos banana,
Banana para dar e vender,
Banana, menina,
Contém vitamina,
Banana engorda e faz crescer.

Bramos, assim, os vitaminas, comedores de bananas: papa banana. Este era um apelido que se dava aos livramentenses e que, por extensão, se aplicava aos moradores do Porto. Até aí, tudo bem, como se diz hoje. Mas os da Cidade — que formavam a maioria — embora nominalmente sócios, não pagavam as mensalidades. Cansados de bancar os prejuízos, nós, os fundadores do clube, resolvemos fechá-lo. Outro conflito a que me referi foi o do Norte-Sul, que estava na base do movimento divisionista. De passagem por Campo Grande, mesmo nas paradas do trem, na estação, era comum ouvirmos: Cuia! Cotxipô entcheu? Expostos assim ao deboche, com nosso cuiabanês, não tivemos ânimos para resistir. Ficamos realmente convencidos que nosso linguajar era feio. Adaptamo-nos a outros falares. Não nos ocorreu que não podia ser feita uma pronúncia que se conserva até hoje no espanhol e no inglês. Ademais, deixamos de seguir os nordestinos, por exemplo, que mantêm sua pronúncia típica, especialmente a abertura do e e do o pretônicos: Recife(tê), progresso(prô). Não pensam que eles foram poupados ao ridículo, que não foram. Conta Manuel Bandeira que, numa aula de Geografia, no Colégio Pedro II, o Professor, José Veríssimo, perguntou à classe:

- Qual é o maior rio de Pernambuco?

co?

Do fundo da sala, Bandeira não quis perder essa. Levantou-se e respondeu, como sempre ouvira no Recife:

- Capibaribe!

- Bem se vê que o Sr. é pernambucano, retrucou Veríssimo abrindo bem o e e de pernambucano, ante a gargalhada dos alunos. Não é Capibaribe que se diz: é Capiberibe! Bandeira calou-se para mais tarde vingar-se do professor no poema "Evocação do Recife", onde intercalou os versos:

Capiberibe

- Capibaribe

Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha...

Assim, apesar de ridicularizados, os nordestinos continuam fiéis às suas características regionais. Nós capitulamos e capitulamos em tudo o mais. Arrasamos a velha cidade, pondo abaixo casas e sobrados coloniais, inclusive a jóia arquitetônica que era o Palácio do Governo, substituindo-os pelo banal cimento armado. Demolimos nossa Catedral bicentenária para erguermos outra mais "moderna", ao passo que abandonamos nossa fala tradicional para adotarmos outra mais "elegante" e menos "provinciana." Pretendemos ser requintados e só conseguimos ser desastrosos: destruímos nossos mais caros valores. Reparem que estou empregando a primeira pessoa do plural, pois me julgo também culpado — culpado quando nada pela missão e pelo silêncio. Oxalá que desses destroços possamos salvar ao menos o cuiabanês, hoje reduzido a alguns núcleos dispersos principalmente fora dos limites urbanos. Oxalá possam os jovens continuar o movimento que iniciaram e restaurar a linguagem quase perdida de nossos maiores.

Publicadas estas notas sobre o falar cuiabano, novos termos e expressões me foram ocorrendo e que me haviam escapado ao elaborar o trabalho. Também, alguns conterrâneos, inclusive as primas Dunga Rodrigues e Estela Rodrigues Emerson, me ofereceram outras sugestões que merecem registros. Por sua vez, o confrade Corsíndio Monteiro da Silva me informou que de suas antigas leituras das obras completas do Visconde de Taunay guardou a lembrança das observações deste a respeito da fala ouvida por ele na região de Sant'Ana do Paranaíba, por onde andou. Afirma Taunay que ali se falava pantano (paroxítona), que seria a pronúncia originária da palavra, assim como eram comuns as expressões "é nato" e "é gratificante", que se tornaram moda hoje em dia. Coligindo essas contribuições e as minhas próprias anotações posteriores, trago aqui mais algumas acheças ao falar cuiabano, que suprirão pelo menos em parte as lacunas que certamente subsistirão nesta nossa modesta tentativa de recolher as peculiaridades semânticas da nossa linguagem popular. Eilas:

Atapetado:

Atapetado: coalhado, cheio.

Beri: fruto de cor preta, em forma de coco, não comestível, produto de um arbusto e que servia de várias modalidades de jogos para os garotos.

Brabo: feroz, zangado. Diz-se: "cachorro brabo" e "ele está brabo comigo". Usa-se bravo em linguagem erudita (Melo, o bravo; é um dos heróis cuiabanos da Guerra do Paraguai.)

Breca: (levado da): levado, travesso.

Cajuada: apego demasiado, xodô (Ele tem uma cajuada pela filha!).

Caô: comida. Talvez corruptela de caol.

Canivete: rapaz muito jovem.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE.

O LINGUINJAR CUIABANO

CONCLUSÃO DA PÁGINA ANTERIOR

Capinha: toureiro que, nas touradas cuiabanas, trajava casaco encarnado e calça branca, enfrentava o touro a pé, armado de duas garrochas, uma com pequeno ferrão farpado e a outra com ferrão maior, na mão esquerda, com um pano vermelho (bandeira), que servia para atrair o touro e eventualmente para proteção, em caso de perigo.

Capitão: porção de comida que se amassa e põe na boca das crianças.

Chã: café da manhã, desjejum.

Changador: carregador.

Chico magro: espécie de fruta, seca.

Chinfrim: baileco.

Chuva de caju: chuva, em época de seca (julho ou agosto), que faz florescerem os cajueiros.

Constipação: resfriado.

Comprar porco: andar perdido, sem atingir o lugar que se procura.

Cuiada: Resposta irônica ou grosseira que se recebe de outrem. Carão.

Dar no padre: fraquejar.

Entregue aos máscaras: diz-se do indivíduo que chega ao extremo da desmoralização ou do desânimo. Alusão ao touro que, já picado pelos capinhas, era por estes entregues aos máscaras (V. esta palavra.)

Figa! (interjeição): Deus me livre!

Grulha: tapado, bronco.

Inteirado: enojado, ou, como se diz hoje, "cheio". (estou inteirado desse negócio!)

Janta: jantar.

Japa: uma unidade ou mais de artigo vendido com que é brindado o comprador.

Máscara: toureiro improvisado que, nas touradas cuiabanas, se apresentava com fantasias grotescas

e só enfrentava o touro quando este já se achava bem cansado.

Matula: farnel.

Muxirum: mutirão.

Pernada: desencontro: Caminhada inútil por não se achar a pessoa ou algo que se procura.

Piaveira: ralé, arraia-miuda.

Primo irmão: filho de irmão ou de irmã.

Primo segundo: filho de primo ou de parente distante.

Puxada: construção adicional, em prolongamento da casa.

Quebra-torto: desjejum.

Seu ninguém: ninguém (Não quero ouvir seu ninguém)

Tataravô: (corruptela de tetravô): pai do trisavô ou da trisavô.

Tio carnal: irmão do pai ou da mãe.

Toureador: toureiro que, nas touradas cuiabanas, trajava sobrecasaca de seda encarnada e calça branca, único que se exibia a cavalo. Só enfrentava, a pé, o touro quando este atingia seu cavalo ou o capinha que convidava para acompanhá-lo na sorte, e nesse caso ia munido de enorme garrocha enfeitada, ao invés da lança torneada que usava normalmente.

Trinca: grupo de pessoas, não necessariamente de três.

Vidraça: (estar na): andar de roupa transparente, deixando entrever as formas do corpo.

Vira-casaca: indivíduo que troca de partido político.

Vote! (interjeição): Deus me livre! Usa-se também **vote cobra!**

(1985).

Os índios Paiaguás lutaram até o fim

tio por se ter ausentado com onze vassallos para a cidade de Assunção ou por outra do Paraguai a vender em duas canoas os brancos e negros que cativaram juntamente todos os desejos que tinham em seus insultos roubados com cuja notícia amotinados os soldados ardendo em furor estavam determinados a ir castigar com vigor aos moradores daquela cidade porque não só sabiam que por seu interesse apercebiam aquele gentio de armas mas também com pouca consciência lhe compravam os roubos de ouro e trastes sabendo claramente que eram ladrões e que tudo o que lhe compravam era injustamente aos portugueses roubado porém foram prudentemente rebatidos pelo tenente general a quem o Sr. Conde e General deu ordem que por nenhum modo fizesse mal aos castelhanos ficando estes obrigados a rogar pela vida e saúde do Exmo. Sr. pelo livrar de levarem um castigo semelhante aos Payaguazes e para que o Cacique na volta que fizesse ao alojamento morresse de

asmo cortaram os soldados aos mortos cinquenta cabeças e as deixaram espetadas em paus na borda d'água na praia.

E para que ficasse acabado depois de por todas as canoas em rachas concluindo o castigo comporem fogo a todas as barracas as quais consumidas se embarcaram os soldados e cabos postos em marchas foram seguindo sua derrota atravessando o Rio que a outra parte aonde mandaram dois índios de nação caballoyros que fossem dar parte ao Cacique que os dominava para que viessem falar ao comandante da armada a que sem demora talvez agitado do medo se pôs logo em marcha, mas como as malinas tinham invadido os soldados deram ocasião a que a armada e o comandante se puzessem em marcha ficando porém 20 portugueses em 2 canoas a espera do referido Cacique com ordem

Conclui na pág. 16

O Processo Histórico da Rusga

Conclusão da pág. 8

às ruas, acompanhado do bispo D. José, para solicitar que os rebeldes interrompessem as atividades insurrentas, em nome da Ordem e do Dever; porém a multidão incoerente, não possuía, naquele momento e, nem tampouco em outro, consciência clara de sua participação, porém o que realmente desejavam, era aproveitar-se daqueles momentos para externarem todo um amontoado de revoltas acumuladas e contidas a anos.

Dessa forma, não conseguindo conter o furor dos revoltosos, Poupino Caldas resolve entrar em contato com os líderes do movimento, para deles obter propostas. Os revoltosos exigem a saída da Província, no prazo de 24 horas, de todos os considerados "adotivos", representados aqui, pela elite rural, herdeira, há séculos, dos benefícios e privilégios. Poupino, sem condições de atender a esse e a outros pedidos, muda sua residência para o Quartel General, de onde organiza forças repressoras ao movimento. Nesse período, entre maio e agosto, muitas famílias abandonaram a cidade de Cuiabá e outras do interior da então Província, e propriedades rurais, fugindo para outras Províncias, por temor às represálias, por parte dos insurretos. João Poupino Caldas, agora na direção política da província, representou a vitória da elite "nativa", emergente, porém, para governar, necessitaria de paz e tranqüilidade. Para tanto, iniciou forte repressão aos insurretos, mandando prender os agitadores e exigindo suas saídas da província.

Como poderíamos analisar e interpretar essa aparente contradição, na medida em que Poupino Caldas passa de revolucionário à repressor do movimento do qual ele próprio fazia parte? Como temos aceitado a idéia de que a Rusga nada mais representou do que uma luta de

uma elite "nativa", desejosa de obter para si o poder político da província, em detrimento de uma elite que há séculos, detinha em suas mãos este citado poder, tudo fica mais claro e, a atitude de Poupino fica justificada. Por outro lado, a decisão das "massas" em não atender ao pedido de Poupino, levando a diante o movimento, também nos parece coerente, uma vez que a elite "nativa" apenas se utilizou do populacho para conseguir tomar o poder, porém, a massa utilizada via, no desencadear do movimento, a possibilidade de expressar, pelo menos momentaneamente, toda revolta de que era possuidora. Isso se explica pela situação de marginalidade social, econômica e política a que estava relegada a maioria da população brasileira, desde o período colonial. Saquear, roubar, incendiar, ferir, matar, foram expressões reais de um sentimento contido há séculos.

A subida de Poupino Caldas ao poder representou a ascensão do poder político da elite nativa, cujos planos estavam voltados para os interesses exclusivos desta camada, onde a massa populacional, não tinha lugar, tal qual havia ocorrido, anteriormente, quando a elite tradicional ocupava o poder. A Rusga, sob este prisma, não foi uma revolução, pois com ela não tivemos qualquer mudança infra-estrutural: as relações de trabalho continuaram a ser escravas, os latifúndios continuaram a existir, o comércio não sofreu qualquer alteração e a população continuou alijada do poder e das decisões. Podemos, apenas para fins didáticos, classificar a Rusga como uma rebelião. (Valmir Batista Corrêa. "Mato Grosso: 1817/1840 e o papel da violência no processo de formação e desenvolvimento da província". Dissertação de mestrado - USP/FLCH - 1976).

Os índios Paiaguás lutaram até o fim

de ajustarem com ele a paz dos caballeiros bem desejada, que com efeito com a vinda do Cacique ficou ajustada e pelas conseqüências dos interesses que dela se esperava também foi dos moradores das Minas do Cuiabá estimada; e como os pantanais ou campinas estavam alagados com água e não poderia o Cacique por elas fazer com cavalos logo viagem conduziu as 20 peças para o seu Reino dando-lhe uma passagem e para os servirem suas mocamas com o desígnio que abaixando as águas iriam em conserva como boas camaradas. Este foi o funesto e desgraçado fim que tive

ram aqueles salteadores e tiranos Paiaguazes.

Duas coisas causaram grande admiração de pois da destruição daquela indômita canalha. A primeira foi os urubus comendo aos corpos mortos toda a carne até a ossada só as mãos lhe deixaram intacto como que se fosse mortos naquela hora e isto se viu nos que morreram no primeiro alojamento. A segunda foi que quando a armada voltou com a vitória foi hospedada de todas as árvores revestidas de flor sendo que antes de dar a batalha nenhuma flor se admirava. etc.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL — NDIHR